

# Segundo Caderno

SCHÜRMAN  
LANÇAM  
NOVO LIVRO

Página *central*

ZERO HORA – SÁBADO, 22 DE JUNHO DE 2002

## Roberto Drummond (1939 – 2002)

Escritor mineiro, autor de “Hilda Furacão”, morreu de enfarte ontem em Belo Horizonte



BETO MAGALHÃES, FOLHA IMAGEM/ZH

Um dos expoentes da geração de autores brasileiros dos anos 70, Drummond tornou-se popular no país com a adaptação para a TV de “Hilda Furacão”

O romancista, cronista e jornalista mineiro Roberto Drummond, autor de *Hilda Furacão*, livro que deu origem à minissérie da Globo, morreu na madrugada de ontem, em Belo Horizonte, aos 62 anos, depois de sofrer um enfarte em casa.

Drummond chegou a ser levado para o Hospital Biocor, pouco depois da meia-noite, mas morreu durante o trajeto. O enterro foi ontem, às 17h, no cemitério do Bom Fim.

**H**ilda Furacão, seu mais famoso trabalho, foi adaptado para a televisão por Glória Perez e dirigida por Wolf Maya, com a atriz Ana Paula Arósio no papel principal. O romance, lançado originalmente em 1991, foi o responsável pela popularização do escritor, que em poucos meses vendeu 160 mil exemplares do livro. A trama se passa na cidade fictícia de Santana dos Ferros, entre os anos de 1959 e 1964. Hilda, jovem que abandonou o noivo no dia do casamento para viver na zona boêmia da cidade, escandaliza os moradores ao se apaixonar pelo Frei Malthus (Rodrigo Santoro na minissérie). O livro de contos *A Morte de D.J. em Paris*, sua estréia na literatura, em 1975, que lhe rendeu o Prêmio Jabuti de autor revelação, levou 20 anos para alcançar a marca de 100 mil exemplares vendidos.

– A Globo mudou minha vida – costumava dizer.

Os leitores pressionavam Drummond por uma continuação de *Hilda Furacão*. Ele argumentava ter medo de que Hilda 2 matasse a Hilda 1. Em setembro do ano passado, lançou o romance *O Cheiro de Deus*, narrativa que levou 11 anos para ficar pronta e teve 23 versões. A editora Objetiva pagou um adiantamento de R\$ 150 mil ao autor pelo livro – regalia antes reservada somente a Paulo Coelho –, na esperança de transformar outro título em best-seller. Seguindo um dos preceitos do alemão Thomas Mann, um de seus escritores preferidos, Drummond tinha como técnica resgatar histórias reais, contadas por familiares e pessoas que conhecia. *O Cheiro de Deus* narra a saga de uma família que sofre com casos de incesto e loucura, detalhes inspirados em alguns integrantes dos Drummond, envolvendo ainda algo de fantástico, como um lobisomem.

A carreira de Drummond incluiu passagens como repórter pelos jornais Binômio e Última Hora. Nascido em Ferros, era atleticano doente. Drummond atualmente era cronista de esportes e cultura no jornal Estado de Minas. Seu último texto foi sobre a partida entre Brasil e Inglaterra nas quartas-de-final da Copa (vencida por 2 a 1 pela Seleção Brasileira na madrugada de ontem). O texto foi terminado na tarde de quinta-feira, quando o escritor se queixou de uma forte gripe.

### Um quieto furacão

MOACYR SCLIAIR

Roberto Drummond não era apenas um grande escritor, era um ser humano fascinante, desses que marcam a nossa vida. Estou dando um depoimento pessoal: somos da mesma geração literária, estivemos juntos em numerosos eventos, no país e no Exterior. Nasceu daí uma amizade que se prolongou por vários anos. Eu não podia ir a Belo Horizonte sem ver Drummond, e ele não podia vir a Porto Alegre sem me visitar. Acompanhei toda sua carreira literária e lembro ainda a impressão que me causou o primeiro conto que dele li, *A Morte de D.J.* em Paris. A época, anos 70, o conto mineiro estava no auge; dizia-se que de cada dois habitantes de Minas Gerais um era contista, e outro estava treinando para sê-lo. Como todo mineiro, Drummond era um fabuloso contador de histórias. Mais que isso, era um contador de histórias capaz de uma comunicação instantânea com o público – para o que colaborava muito sua condição de jornalista (aliás, vários escritores de nosso grupo – Ignácio de Loyola Brandão, Ivan Ângelo, Antônio Torres – vinham do jornalismo). E essa impressionante empatia com as pessoas representou, de certo modo, uma mudança no rumo da literatura brasileira, que ainda conservava um certo ranço elitista, aristocrático mesmo. Drummond foi o primeiro escritor pop do Brasil – e o êxito de *Hilda Furacão* como minissérie da Globo apenas o comprovou. Seu sucesso antecipava uma tendência que agora se consolidou no mercado editorial brasileiro: as editoras estão em busca de leitores, uma busca que, prova-o Drummond, pode ser muito bem sucedida.

Apesar do sucesso, Drummond era um homem tenso, preocupado, sempre às voltas com complicados casos de amor. Era raro vê-lo sorrindo, uma evidência do estresse que o atormentava e que provavelmente colaborou para essa crise cardíaca que veio a matá-lo. Mas se Drummond não sorria, sabia como fazer o seu leitor sorrir – e emocionar-se, e deliciar-se com sua tão brasileira literatura. Sua vida foi um quieto furacão. Que marcou, de maneira gentil, amável e peculiar, a cultura de nosso país.

#### A OBRA

Em 30 anos de carreira como escritor, Drummond lançou nove livros, entre contos e romances:

- ◆ *A Morte de D.J. em Paris* (contos, 1975)
- ◆ *O Dia em que Ernest Hemingway Morreu Crucificado* (romance, 1978)
- ◆ *Sangue de Coca-Cola* (romance, 1980)
- ◆ *Quando Fui Morto em Cuba* (contos, 1982)
- ◆ *Hitler Manda Lembranças* (romance, 1984)
- ◆ *Ontem à Noite Era Sexta-Feira* (romance, 1988)
- ◆ *Hilda Furacão* (romance, 1991)
- ◆ *Inês É Morta* (romance, 1993)
- ◆ *O Cheiro de Deus* (romance, 2001)